

Megan Maxwell

Adivinhe quem sou



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

 **essência**

Megan Maxwell

Adivinhe quem sou



TRADUÇÃO
Sandra Martha Dolinsky

 **essência**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Megan Maxwell, 2014
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015, 2026
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2015
Todos os direitos reservados
Título original: *Adivina quién soy*

Preparação: José Couto
Revisão: Marcia Benjamim e Gabriela Ghetti
Diagramação: Marcos Gubiotti
Capa: Estúdio Insólito

Os personagens e eventos apresentados nesta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou falecidas é mera coincidência.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Maxwell, Megan
Adivinhe quem sou / Megan Maxwell ; tradução de Sandra Martha
Dolinsky. – 2. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
392 p.

ISBN 978-85-422-4217-1 (edição de bolso)
Título original: *Adivina quién soy*

1. Ficção espanhola I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

26-1152

CDD 863

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção espanhola

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



E nada me importa

*Praia das Teresitas,
Tenerife (Espanha). Maio de 2012.*

Estou sufocando!

Sergio está me beijando e eu estou sufocando. Não é por causa de seu beijo, é pelo calor terrível que faz dentro do carro. Gosto que ele me beije, mas estou com tanto calor que a angústia está começando a se apoderar de mim. Movo a mão em busca do botão para abrir a janela, e ele, ao perceber, pergunta:

— Que está fazendo?

Suada e quase desmaiando, respondo:

— Preciso de ar. Abra as janelas, não vê que estamos suando?

Sergio, com quem estou há seis meses, olha para mim e, beijando meu pescoço, murmura:

— Há muitos carros em volta, e vão nos ver.

— E daí? — pergunto, pingando de suor.

Meu lindo acompanhante, um morenaço desses que eu gosto, diz, excitado e a fim de continuar:

— Vão ver que você está sem camiseta, e as pessoas vão falar.

Isso me irrita. Não estou nem aí para o que as pessoas vão pensar, e digo:

— Você sabe que eu não ligo para o que as pessoas pensam ou imaginam.

— Mas eu ligo — sentencia ele, como sempre.

Vou protestar, mas sua boca cobre a minha, de modo que não posso falar. Sua respiração se acelera e noto que ele tateia pelas minhas costas para abrir o fecho do sutiã. Arqueio um pouco o corpo para facilitar, mas nada. Parece que... parece que... não consegue!

Ele é meio desajeitado, não posso negar.

— Não quero que amanhã você vá trabalhar nesse hotel — diz ele.

Ansiando que ele desabote o sutiã de uma vez, murmuro:

— Não comece com isso.

— Yanira — insiste ele. — Os homens vão olhar para você e...

— Não me venha com ciúmes, você sabe que eu não gosto disso.

Se há algo de que tenho certeza é que nem sou ciumenta nem quero provocar ciúmes. Não acredito no amor nem em relacionamentos. Por quê? Porque, quando eu tinha vinte anos, um neozelandês que veio passar férias em Tenerife partiu meu coração, e, depois de sofrer a maior desilusão da vida, eu me blindei à prova de paixões e bobagens românticas. Dispensó!

Não sou uma princesa em busca do príncipe encantado, especialmente porque acho que não existem príncipes; e, se existirem, nunca vi um.

Quando fui despedida da creche, decidi tentar realizar meu sonho, que é ser cantora. E, para minha sorte, o Grand Hotel Mencey me contratou para cantar no coro nas apresentações noturnas. Mas, como sempre, esse babaca que se julga meu namorado não gosta do que me faz feliz e insiste:

— Prefiro que você continue trabalhando na loja dos seus pais.

— Mas eu não — bufo. — Preferiria continuar trabalhando na creche, mas, para minha infelicidade, fui despedida. Portanto, vou cantar. Eu gosto, dizem que canto bem, e agora posso viver disso — sentencio.

Durante alguns minutos ele continua lutando com o fecho do sutiã, enquanto eu continuo suando em bicas. Quando já não aguento mais, eu me afasto e grito, com tanta raiva que minhas lentes de contato quase voam:

— Deix...!

Mas sua boca vem direto para a minha, e não consigo dizer nada. A respiração dele se acelera enquanto me beija e, desajeitado, tateia de novo o fecho do sutiã tentando abri-lo. Espero que dessa vez acerte. Mas não...

Que imbecil!

Durante vários minutos ele continua lutando, enquanto eu transpiro e fico com mais calor, até que, já farta, afasto-o com um empurrão e insisto:

— Abra a janela, por favor...

— Não.

— Estou morrendo de calor!

— Já disse que não.

Tento entender. Tento tudo de imaginável, mas, quando sinto que vou desmaiar, exijo:

— Ou você abre a janela, ou eu saio do carro.

Ele me olha boquiaberto, e eu levanto as sobrancelhas.

Sergio é meu mais recente ficante. É o irmão mais velho de um amigo de meus irmãos gêmeos. Lembro que, quando ele foi buscar o garoto em casa, pensei: “Que cara interessante!”. Mas, a cada dia que passamos juntos, fica mais evidente que não fomos feitos um para o outro.

Sempre me senti atraída por homens mais velhos que eu. Adoro a personalidade deles, ao passo que os da minha idade me deixam mortalmente entediada.

Não sou uma devoradora de homens, mas também não sou uma freira enclausurada. Aprendi que na vida tenho que tentar obter aquilo de que gosto, e sexo é uma das coisas que me atraem e que curto.

Por sorte, tenho uma família muito liberal que não se assusta com as fofocas da vizinhança. Papai e mamãe tiveram que sofrer sua própria cota de fofocas quando se conheceram e se apaixonaram, e hoje a única coisa que os preocupa é que seus filhos sejam felizes e boas pessoas... O resto dá no mesmo para eles.

A verdade é que Sergio é uma excelente pessoa, mas seu caráter e o meu são muito diferentes. Fico puta com o fato de ele ser tão controlador, tão pouco aventureiro e tão fresco.

Em seu carro não se come.

Em seu carro não se fuma.

Em seu carro não se põe música alta.

Se volto da praia com a prancha de surfe, não posso entrar em seu carro porque vou enchê-lo de areia.

O que de início me pareceu engraçado e me fazia rir, agora não suporto. Normalmente, não desanimo com os problemas e tenho mil ideias para solucioná-los, mas, com ele, todas as minhas iniciativas falharam. Ele é quadrado! E, para piorar, agora em seu carro não se pode abrir as janelas porque os outros vão ver o que estamos fazendo.

Por que ele não relaxa de uma vez e simplesmente curte a vida?

Sem se mexer, ele olha para mim e diz:

— Se quiser que eu abra as janelas, ponha a camiseta.

É de enlouquecer!

Ele vê que estou irritada e suando como um porco e a única coisa que lhe importa é que eu vista a camiseta?

Sem deixar de olhar para ele, aperto o botão da janela do meu lado, mas vejo que está travado. Meu mau humor cresce, olho para Sergio e sibilo:

— Estou encharcada de suor, quer fazer o favor de abrir a maldita janela?!

Meu tom de voz parece que o faz refletir, porque ele se afasta e, franzindo o cenho, aperta um dos botões, e a janela do meu lado se abre um quarto.

— Mais — exijo.

Ele pensa e torna a apertar o botão até que o vidro desce à metade. Mas preciso de ar, ou vou ter um troço, e insisto:

— Sergio, pelo amor de Deus, abra tudo, não vê que os vidros estão embaçados?

Mas ele continua obstinado e, mudando o tom de voz, repete:

— Ponha a camiseta. Não quero que ninguém a veja assim.

Estou com um sutiã preto que parece um biquíni, mas, mesmo assim, Sergio continua:

— Temos família, e...

— Mas que diabos você está dizendo?

— Estou dizendo simplesmente que sua família tem negócios na ilha e que eu trabalho para uma corretora de seguros e todo mundo nos conhece. Quer que falem de nós?

Esse cara às vezes me deixa sem palavras, mas, tentando me acalmar, consigo dizer:

— Estou com calor, Sergio. E todo o mundo que está aqui, no estacionamento da praia das Teresitas, veio fazer a mesma coisa.

— Você tem 25 anos, Yanira, e eu 33.

— E daí?

Antes que ele responda, suspiro e digo de uma vez por todas:

— Ouça, Sergio, isso não está dando certo! E desculpe que eu diga, mas não é questão de idade.

Das duas, uma: ou esse cara é bobo, ou tem cera nos ouvidos, porque insiste:

— Todo mundo vai nos ver, e depois as pessoas falam, não pensou nisso?

Suspiro, suspiro e suspiro. Em minha casa, para debochar de mim, o pessoal me chama de Suspiros.

Minha paciência chega ao limite ao ver seus olhares reprovadores. Levanto a voz, indignada:

— E você acha que alguém vai prestar atenção em nós? Pô, Sergio, todo mundo que está aqui veio para namorar, para curtir o sexo e se pegar! Por acaso você fica olhando o que estão fazendo no carro ao lado?

Ao dizer isso, olho para a direita e fico de boca aberta.

A poucos metros de nosso carro, um casal com as janelas abertas está se dando bem, sem se importar com o que os outros vão dizer.

Palmas para eles!

Vejo que ela sobe e desce em cima dele sem nenhum decoro, enquanto se beijam com paixão e curtem o momento sem pensar em mais nada. Isso é exatamente o que eu quero.

Ao perceber o que estou olhando, Sergio fecha rapidamente a janela e me censura:

— O que está fazendo olhando o que esses dois estão fazendo?

De repente, caio na gargalhada, coisa habitual em mim e que costuma desesperar os que me cercam.

Droga... primeiro digo que ninguém olha o que os outros fazem, e a primeira a olhar sou eu!

Suspiro, e ouço Sergio dizer:

— Acho que é melhor irmos embora.

Contrariada, suspiro de novo. Estou prestes a explodir!

Ao me ver assim, ele muda de ideia e por fim diz:

— Tudo bem, vou levar o carro até o fundo do estacionamento. Parece que ali não há ninguém. Temos que conversar.

Ora... ora... ora... Esse “temos que conversar” parece interessante.

Embora o que ele tenha para dizer não me preocupe nem inquiete. O coitado cada dia me irrita mais com suas frescuras. E isso porque estamos só há alguns meses juntos. Não quero nem imaginar o que poderia ser um futuro com ele.

Sergio para de novo o carro, e, de fato, nessa parte do estacionamento não há ninguém; além do mais, o único poste de luz dali está quebrado. No escuro, e indignada com tudo que aconteceu, saio do carro. Ele sai atrás de mim.

— Yanira, isto não pode continuar assim.

Concordo. Ele tem razão.

— Ah, não... não pode continuar assim.

Durante pelo menos meia hora, dizemos tudo que temos para dizer e nenhum dos dois se abala. Se ele fala, eu respondo. Se eu falo, ele responde. Ambos trocamos censuras, e, uma vez que falamos tudo que vínhamos calando há um tempo, olhamo-nos em silêncio. Está claro que acabou.

Quando nos acalmamos, acendo um cigarro. Eu quase não fumo, mas, nesse momento, preciso. E, de repente, contra qualquer prognóstico, Sergio me arranca o cigarro, pisa nele, apoia-me contra o carro e começa a me beijar.

Ah, sim... isso sim!

Foi essa paixão dele que me encantou, que me cativou. Foi o que fez que eu quisesse ficar com ele. Deixo que me beije. Adoro quando ele se mostra exigente e impetuoso.

A brisa da praia bate em meu rosto, e sinto que recupero as forças.

Vivas à brisa do mar e ao sexo!

Sergio enfia as mãos por baixo de minha camiseta e começa a batalhar de novo com o fecho do sutiã. Definitivamente, ele é desajeitado. Sorrio e eu mesma o abro. A seguir, tiro as alças pelas mangas, puxo o sutiã por baixo da camiseta e, agitando-o, digo:

— Sem obstáculos.

Sergio olha para os dois lados, e quando vê que ninguém está olhando, sorri, e eu me lanço em sua boca. Enquanto nos beijamos, ele toca meus seios, e eu, querendo continuar com aquilo depois de nossa acalorada discussão, desloco-me até ficar sentada na lateral do capô do carro.

Continuamos nos beijando, e, em dado momento, tiro a camiseta e fico nua da cintura para cima. Sergio se afasta, olha para mim e grunhe:

— O que está fazendo?

Pronto, de novo!

Mas, dengosa, ponho a mão no botão de sua calça e digo em voz baixa e sensual:

— Calma, está escuro e ninguém está vendo. Não quer fazer sobre o capô do carro? Vamos... dê-me o que lhe peço.

Sua expressão é hilária, mas meu riso se congela quando ele diz:

— O que você está propondo é indecoroso. Está louca?!

Indecoroso? Louca?

Plano A: mando-o passear.

Plano B: esqueço o que ele disse e continuo.

Plano C: curto agora e depois o mando passear.

Por fim, eu me decido pelo plano B... Quero continuar. Pego Sergio pelas presilhas da calça e murmuro, disposta a fazê-lo mudar de ideia:

— Ninguém está vendo. E se virem, que aproveitem! Vamos, Sergio... quero você.

— E eu quero você... mas...

— Mas o quêêê?!

Sua expressão é um mar de contradições. Ele não sabe o que fazer. O Sergio primitivo e apaixonado que conheço na intimidade de um quarto luta para sair e curtir como um louco, mas ele se nega e responde:

— Não sou exibicionista.

— Nem eu — sorrio. — Mas estamos só você e eu... É só você desabotoar a calça e...

— Não.

— Vamos, bobo... eu sei que você gosta.

— Já disse que não — replica ele.

Sua respiração está acelerada enquanto ele olha os meus seios. O que houve com ele? Por que, com o passar dos meses, ele se tornou tão puritano?

Quando o conheci, ele era mais atrevido, mais ousado, mais selvagem. Sei que está tentado a fazer o que propus; ele gosta de sexo, e eu gosto de fazer sexo com ele. Mas ele resiste.

Divertida, pego um de meus seios e insisto, provocando-o:

— Venha...

Mas nem “venha” nem porra nenhuma. Pegando-me pelo braço, ele me desce do capô do carro com um puxão, abre a porta rapidamente e, empurrando-me, sibila:

— Entre!

Acabou!

Chega, não aguento mais!

Não gosto dessa ordem, nem de sua voz, nem de sua expressão. Não gosto e resisto. Irritada, volto-me para ele e grito, empurrando-o também:

— Nunca mais na vida me segure assim, entendeu? — E ao ver seu olhar, pergunto: — Mas que diabos há com você?

Ele não responde. Olhamos um para o outro. A fúria cresce em mim e visto a camiseta. A vontade de transar evaporou, e a última coisa que desejo nesse instante é seu toque.

— Não sei o que há com você — digo. — Sempre tão preocupado que alguém nos veja.

— Eu me preocupo com sua...

— Com minha o quê? — E ao ver que ele não responde, prossigo: — Se você realmente se preocupasse comigo, não estaríamos discutindo. Estaríamos nos beijando, acariciando e curtindo. Sabe de uma coisa? Estou farta. Farta de sua falta de espontaneidade. Farta de suas limitações. Farta.

Minhas palavras o atingem, eu sei. Posso ver. Ele nunca me viu tão furiosa como hoje, e, disposta a acabar a discussão que tivemos antes, solto:

— Ouça, Sergio, acho que você e eu já chegamos ao fundo do poço. Nós não queremos as mesmas coisas, somos muito diferentes. Cada dia fica mais claro, e eu não estou disposta a mudar nem por você nem por ninguém. E, claro, eu também não vou pedir que você mude por mim. Você é um cara ótimo, maravilhoso, mas não rola. Acabou.

Sem sair do lugar, vejo o homem que há alguns meses me deixava louca concordar e por fim dizer:

— Você tem razão. Não está dando certo. Quero uma garota que me ame, que me faça sentir especial, e você, Yanira, nunca vai fazer isso. O melhor é terminarmos.

Ao ouvi-lo falar assim, meu nível de raiva baixa. Sinto dó, e aceito. Ele tem razão, nunca vou amá-lo como ele deseja.

— Foi bonito — digo —, mas, sabemos, faz tempo que não dá certo. Eu gosto de você, e sei que você gosta de mim, mas não o amo como deveria amar, e...

— Eu sei, não precisa explicar.

Isso deixa tudo claro, e sem vontade de continuar cutucando a ferida, olho para ele e concluo:

— Então, é isso.

Sergio concorda com uma expressão séria e, olhando para mim, diz:

— Você tem razão. Faz um mês que penso nisso, mas não conseguia dar o passo. Obrigado, Yanira. Você me ajudou a fazer algo que era muito difícil para mim.

Está claro que ambos pensamos a mesma coisa, e isso me tira um peso das costas. Sergio me pergunta se quero que ele me leve para casa, mas não estou a fim de ficar mais tempo ao seu lado, de modo que me aproximo, dou-lhe um beijo no rosto, pego minha bolsa no carro e respondo:

— Não, obrigada. Prefiro ir andando.

— Tem certeza?

— Sim.

— Amigos? — pergunta ele olhando para mim.

Olho para ele com afeto. Sergio é uma excelente pessoa, e, com um sorriso, respondo:

— Claro que sim, meu menino. Embora a gente tenha terminado, sei que temos carinho um pelo outro, e adorarei poder ser sua amiga. E agora, fique tranquilo. Chegarei sozinha na minha casa. Você sabe que não é longe.

Ele sorri para mim, entra no carro e arranca. Quando ele se vai, digo em voz baixa:

— Que a força esteja com você!

Poxa, por que estou dizendo isso? Pareço o bizarro do meu irmão!

Isso me faz sorrir, e enquanto o carro se afasta, não sinto pena, nem tristeza, nem desamor. Simplesmente sinto-me livre!

Volto a ser cem por cento dona de minha vida. Fui despedida do emprego e estou solteira, posso decidir o que quero ou não quero fazer. Que luxo!

Olho em volta e opto por voltar para casa caminhando pela beira do mar. Adoro molhar os pés, e, enquanto o faço, cantarolo a canção da Shakira.

*Te lo agradezco pero no,
te lo agradezco, mira niña, pero no.
Yo ya logré dejar de amarte.
No hago otra cosa que olvidarteeeee.*

Em Tenerife, a temperatura em maio é maravilhosa para caminhar, mesmo na areia úmida. Olho o relógio: 1h40. Sorrio.

Depois de um tempo seguindo a orla, ensimesmada, decido me sentar perto de umas espreguiçadeiras antes de abandonar esse idílico lugar e ir para casa.

A lua, a boa temperatura e o som do mar são maravilhosos. Relaxantes. Fecho os olhos e respiro fundo. Como se respira bem na minha ilha!

Mas, de repente, ouço o som de vozes. A poucos metros, atrás de uma barcaça abandonada na areia, vejo um casal que, rindo, se entrega ao prazer do sexo.

Escondida atrás das espreguiçadeiras, decido contemplar o espetáculo. Minha respiração se acelera. Nunca vi nada assim ao vivo, e, como sou muito curiosa, não perco um detalhe. Seus suspiros me excitam.

Estou a uns cinco metros e não consigo me mexer. Só consigo olhar... observar... e me alucinar com o deleite deles. Fazem amor na praia sem nenhum decoro, protegidos só por uma barcaça, a poucos metros do passeio marítimo. Ouço a voz da mulher, que exige mais...

Em um de seus movimentos, vejo seu rosto e a reconheço.

Caraaalho! É Alicia, casada com Antonio; irmã mais velha de minha amiga Coral. Uau!

De súbito, vejo um homem que se aproxima e fico inquieta. Ele não pode me ver, mas vai pegar os dois no flagra. HorrORIZADA, não sei o que fazer. Aviso-os ou não? Mas fico atônita quando, apesar de ver que alguém se aproxima, eles continuam.

O recém-chegado para junto à barcaça e se apoia nela.

Pô!... merda. É Antonio, marido de Alicia!

Meus Deeeeus, que flagra!

O negócio vai pegar fogo, e eu vou assistir na primeira fila.

Mas, de repente, contra qualquer prognóstico, ouço Antonio perguntar:

— Estão se divertindo?

Eles arfam em resposta, e Antonio, sorrindo, desabotoa a calça e se aproxima de Alicia. A seguir, tirando o pênis de dentro da cueca, ele se ajoelha, coloca-o na boca dela e diz com voz rouca:

— Vamos, meu amor... eu sei que você quer.

Como é que ééé?!

Se antes eu estava surpresa, agora estou em choque!

Ali está Alicia, entregue ao prazer do sexo, chega seu marido, e em vez de rodar a baiana e fazer rolar cabeças, ele entra na festa.

Incrível!

Durante vários minutos observo sem respirar enquanto o trio arfa e se diverte. Nunca vi nada igual. Isso supera os tolos filmes pornôs que vi algumas vezes!

Os decibéis de seus roucos gemidos crescem, ou talvez seja eu que os ouça cada vez mais alto. Não consigo parar de olhar. Estou cravada na areia, sem conseguir afastar os olhos! Até que, por fim, os três gritam sem decoro ao alcançar a liberação.

Eles respiram agitados. Eu não respiro.

Eles sorriem e falam. Eu estou sem palavras.

Cinco minutos depois, os três se vestem, e ouço Antonio e Alicia convidarem o desconhecido a beber alguma coisa no bar deles, que inaugurou há pouco tempo.

De boca seca e com a cabeça rodando, eu os observo se afastarem enquanto minhas pernas, meu coração, as raízes de meu cabelo, tudo treme! Treme toda!

Quando fico sozinha, ainda com tremedeira, acendo um cigarro e processo o que vi. Por que é verdade que vi, não é?

Belisco minha bochecha e dou uma tragada.

Sim, eu vi. Decididamente, vi!

Quando acabo o cigarro, levanto-me. Vejo que consigo ficar de pé, e começo a andar. Vinte minutos depois, entro em minha casa e encontro tudo em silêncio. Minhas avós e meus pais, com toda a probabilidade, devem estar na loja de souvenirs que temos no passeio marítimo da capital da ilha, Santa Cruz de Tenerife.

Ao passar pela porta de meus irmãos Garret e Rayco, ouço risos e torcida. Devem estar com os bizarros dos seus amigos jogando algum videogame, que eles adoram. Quando chego na frente do quarto de meu outro irmão, Argen, abro a porta, mas vejo que ele não está. Então, decido ir ao meu quarto.

Continuo em estado de choque. O que vi na praia me deixa alucinada, mas reconheço que também me excitou. Será que estou ruim da cabeça?

Tiro as lentes de contato. Meus olhos estão cansados, mas, mesmo assim, ligo meu *notebook* e, sem saber por que, procuro o bar de Antonio e Alicia. Chama-se Sueños e tem um site. Quando o encontro, não me surpreende ver que é uma casa de swing. Atraída como por um ímã, navego pelo site e faço uma visita virtual. Balcão de bar, sala de espelhos, sala do prazer, camas comunitárias, sala escura, festas privadas e *jacuzzi*.

Quando minha curiosidade fica satisfeita, desligo o computador e me enfo na cama. Nunca fui a um lugar desses, mas tenho certeza de que irei. O lugar me chama a atenção.